

A EXISTÊNCIA COMO LIBERDADE ABSOLUTA

JEAN-PAUL SARTRE

("Os Pensadores", Nova Cultural, 1987, fascículo 57, p. 684-688)

Sartre foi ao mesmo tempo um filósofo rigoroso e um escritor de sucesso, união que pode parecer, a princípio, desconcertante. Mas é o próprio projeto filosófico de Sartre que fundamenta uma expressão cultural abrangente, em que a Filosofia, o romance, o conto, o teatro, a crônica, a crítica literária, o ensaio, a análise política e o jornalismo se encontram a serviço da compreensão do fenômeno humano em toda a sua extensão e complexidade.

O êxito alcançado em todos os gêneros que praticou deve-se ao fato de que soube sempre preservar a autonomia de cada modalidade de expressão. Nele a ficção não é, como em muitos filósofos literatos, uma penosa ilustração de teses teóricas; e a Filosofia não se torna um gênero ambíguo em que os conceitos são como que romaneados, o que ocorre em outros existencialistas. Sartre consegue ser, como romancista, um escritor de forte imaginação e profunda originalidade e, enquanto filósofo, um pensador cujas análises técnico-conceituais alcançam um rigor e uma sistematicidade que se revestem muitas vezes de grande aridez, o que não o impediu de ser, paradoxalmente, o mais popular dos filósofos contemporâneos.

Um filósofo militante

Jean-Paul Sartre nasceu em Paris no dia 21 de junho de 1905. Dois anos depois perdeu o pai e foi viver, durante quatro anos, em casa do avô materno.

A convivência com o avô foi muito marcante: num texto publicado em 1964, *As Palavras*, discorre longamente sobre esta experiência infantil e tenta recuperar o sentido que ela teve para a sua vida. Em 1924 torna-se aluno da Escola Normal Superior, onde conhece Simone de Beauvoir, iniciando uma ligação que duraria toda a vida. Seus primeiros ensaios filosóficos são *A Imaginação* e *A Transcendência do Ego*, publicados em 1936.

Já iniciara sua atividade de ficcionista com uma coletânea de contos, *O Muro*, que só foi publicada em 1939. Em 1938 publica o primeiro romance, *A Náusea*, no qual já transparecem concepções ligadas ao existencialismo. Em 1943 publica *O Ser e o Nada*, um ensaio de ontologia a partir do método fenomenológico, que muitos consideram sua obra fundamental.

Entre 1945 e 1949 publica três volumes de uma tetralogia inacabada, *Os Caminhos da Liberdade*. Em 1952 ingressa no Partido Comunista, do qual se afasta em 1956 quando da invasão da Hungria.

Neste mesmo ano publica *O Fantasma de Stálin*. Em 1960 aparece *A Crítica da Razão Dialética*, que contém as análises ligadas à Psicanálise Existencial, e em 1971 publica *O Idiota da Família*, uma interpretação da obra de Flaubert em três grandes volumes.

Além da passagem pelo Partido Comunista Francês, Sartre desenvolveu durante toda a vida intensa atividade política, destacando-se por se ter colocado ao lado dos estudantes em maio de 1968. Emprestou também sua colaboração a vários jornais de esquerda e a órgãos da imprensa libertária. Escreveu ainda vários textos de caráter político na revista *Tempos Modernos*, que fundou, com que fundou, com Merleau-Ponty, em 1945.

Estes textos, além de outros ligados à Filosofia e à literatura, foram reunidos numa série de volumes, *Situações*. Sua militância estendeu-se também a vários movimentos políticos e anti-racistas. Dedicou-se ainda a escrever para o teatro, e dentre suas principais peças estão *A Engrenagem* (1946), *As Mãos Sujas* (1948), *O Diabo e o Bom Deus* (1951) e *Os Seqüestrados de Altona* (1960). Morreu em 1980.

A existência precede a essência

Para compreender o existencialismo sartreano podemos partir de um exemplo dado pelo próprio Sartre, e que condensa, na sua simplicidade, o teor fundamental da concepção existencialista.

Se consideramos um artigo fabricado, entendemos que quem o fabricou possuía uma idéia dele. O objeto portanto de alguma maneira preexistia na mente daquele que o produziu. Quando dizemos que Deus criou o homem, raciocinamos da mesma forma.

O homem, mais precisamente a essência do homem, existia anteriormente na mente de Deus, e a existência do homem segue-se à sua essência da mesma forma que o objeto fabricado deriva da idéia do objeto presente na mente de quem o fabricou.

Mesmo os filósofos ateus do século XVIII mantiveram a precedência da essência do homem, embora não admitissem Deus como seu criador.

Quando um objeto ou algo existe em função de alguma coisa que o precede e o causa, ele existe para outro. Ora, o existencialismo concebe que há pelo menos um ser que existe para si, que não foi criado ou produzido a partir de uma essência preexistente: este ser é o homem.

No homem a existência vem antes da essência. Isto significa que não existe uma predefinição do homem, como existe uma predefinição de um objeto fabricado. Não se pode saber o que o homem é antes de ele existir.

Não se pode falar, por isto, em natureza humana: esta seria uma noção que predefiniria o homem antes de ele existir. Não há uma natureza humana pensada por Deus. Há uma condição humana, e esta passa a haver desde que o homem surge no mundo. Então, à pergunta, "o que é o homem?", se formulada em caráter geral, somente se pode responder: nada. O homem nada é enquanto não fizer de si alguma coisa. Exatamente por isto ele é *para si*, no sentido de *ser aquilo que fizer de si*. Neste ponto o existencialismo sartreano retoma a idéia heideggeriana de projeto: a existência é um projetar-se no sentido de impulsionar-se para o futuro. O projeto existencial não implica a subjetividade no sentido tradicional, pois nem mesmo se pode dizer que o Ego seja a essência predefinida do homem.

O homem tem, isto sim, uma dimensão subjetiva que é a própria projeção de si, e pode ter plena e autêntica consciência disto. Nisto ele se distingue das coisas, e, segundo Sartre, alcança maior dignidade, na medida em que responde pelo seu próprio ser.

A consciência e o mundo

Numa época em que poucos filósofos franceses se interessavam pela filosofia alemã recente, Sartre já via em Husserl a direção mais importante da investigação filosófica no início do século. A influência que a Fenomenologia de Husserl exerceu sobre Sartre pode ser avaliada quando nos damos conta de que o seu método de investigação ontológica desenvolvido em *O Ser e o Nada* é fundamentalmente fenomenológico.

Mas não é apenas o método que Sartre deve à filosofia husserliana. A concepção da intencionalidade da consciência adotada por Sartre já está totalmente desenvolvida no filósofo alemão. Intencionalidade no caso significa que a consciência é sempre consciência de alguma coisa; visa algo e nisto consiste sua realidade.

O conteúdo da consciência não é outro senão os objetos que ela visa e reflete. A partir daí acredita Sartre que Descartes se equivocou ao fazer da consciência seu próprio objeto. A consciência não se revela a não ser revelando o mundo; ela não pode ser por isto diretamente objeto de si própria.

No entanto, apesar de não revelar-se diretamente a si mesma, a consciência é por si mesma. Existem dois tipos de seres: consciências e objetos de consciências. Estes últimos são *em si*, isto é, têm existência *objetiva*, podem ser percebidos.

Mas a consciência que percebe, e se percebe precisamente porque percebe outras coisas, não tem existência em si, mas por si. Não me percebo como percebo os objetos. A experiência de perceber e pensar objetos não é da mesma natureza da experiência que tenho de mim mesmo, a não ser que me tome a mim mesmo como corpo e aparelho perceptivo. Mas aí estaria pensando a mim no mesmo plano em que penso os objetos em si, o que de certa forma é correto mas não corresponde ao meu verdadeiro Eu. Por isto a maneira pela qual eu existo é diferente da forma pela qual os objetos existem. Isto porque a consciência, no sentido de subjetividade autêntica, não é, propriamente, nada. A condição humana implica muito mais o fazer-se do que o ser.

O Eu e os Outros

A consciência, enquanto ser por si, não está só. Em primeiro lugar ela está rodeada de objetos: o mundo é uma combinação de objetos em si, com qualidade e densidade próprias, e do modo como a consciência - por si - os visa, conferindo-lhes ordem, valor e instrumentalidade. Isto significa que a consciência contribui para que o mundo exista. Mas a consciência está também frente a outras consciências, que disputam a condição de referência subjetiva para o conjunto dos objetos em si. Enquanto a consciência está apenas em relação com objetos, ela está diante do amorfo, daquilo que não lhe devolve o olhar. Mas quando duas consciências estão frente a frente, cada uma tenta não só atrair os objetos para o seu mundo perceptivo, como tenta incorporar também a outra consciência. Cada consciência tenta "*objetivar*" a outra. Mas esta *objetivação* não pode redundar na morte do outro nem na sua anulação como consciência.

Pois se quero possuir o outro, quero-o como consciência e não como coisa. Em outras palavras, quero-o como liberdade, na exata medida em que também sou liberdade. No entanto como possuir o outro a não ser como objeto? Como incorporar à minha liberdade unia outra liberdade? A finalidade do desejo, aqui, é um absurdo,- não pode realizar-se. Por isto a relação com o outro está destinada ao fracasso.

Liberdade e angústia

A precedência da existência em relação à essência significa que parto do nada. No próprio curso da existência é que o homem vai decidir acerca de seu próprio destino. O futuro está sempre em aberto, e ele será preenchido por um projeto, que é fruto de uma escolha e de uma decisão. Como não há uma essência condicionando a escolha, esta se dá a partir de uma liberdade em sentido radical.

O homem é livre na exata medida em que introduz o nada no mundo. E como isto é inerente à condição humana, não há como não ser livre. Posso mascarar a minha liberdade através do que Sartre chama a má-fé ou a recusa do exercício da liberdade, mas esconder a liberdade não a torna menos característica da minha condição. Daí a célebre frase: o homem está condenado a ser livre.

A obrigação de ser livre gera a angústia, que deriva do sentimento de não estar predestinado, de ter de optar construindo ao mesmo tempo o fundamento da opção. E optar por uma alternativa é ao mesmo tempo aniquilar todas as outras. E este excesso de poder sobre si mesmo que gera o medo, e gera também o desejo de alienar a minha liberdade. Este desejo provoca uma espécie de afastamento de si, como se a pessoa pudesse fingir ser, em vez de ser. O alheamento voluntário de si é também uma forma de má fé, pela qual eu deixo a existência "fluir" sem ter de tomar decisões a respeito. Mas a decisão já foi tomada, mesmo que ela tenha sido a de se conformar a tudo.

O existencialismo de Sartre produz assim uma ontologia intrigante: a existência é definida em princípio pelo não-ser, pelo nada. Tudo está por fazer, e O homem será o futuro que puder construir. Não é pois surpreendente que, diante da enormidade da tarefa, se tenha podido extrair do existencialismo a consequência ética do desespero.

A responsabilidade do homem por tudo aquilo que faz

Um dos aspectos mais fortes do existencialismo sartreano é a responsabilidade que é conferida ao homem quando, fazendo uso da liberdade, ele ao mesmo tempo escolhe e fundamenta a sua escolha.

A escolha cria o critério de si própria

"Ao afirmarmos que o homem se escolhe a si mesmo, queremos dizer que cada um de nós se escolhe, mas queremos dizer também que, escolhendo-se, ele escolhe a todos os homens. De fato, não há um único de nossos atos que, criando o homem que queremos ser, não esteja criando, simultaneamente, uma imagem do homem tal como julgamos que ele deva ser. Escolher ser isto ou aquilo é afirmar, concomitantemente, o valor do que estamos escolhendo, pois não podemos nunca escolher o mal; o que escolhemos é sempre o bem e nada pode ser bom para nós sem o ser para todos." (*O Existencialismo é um Humanismo.*)

Compromisso e angústia

"O existencialista declara freqüentemente que o homem é angustia tal afirmação significa o seguinte: o homem que se engaja e que se dá conta de que ele não é apenas aquele que escolheu ser, mas também um legislador que escolhe simultaneamente a si mesmo e à humanidade inteira, não consegue escapar ao sentimento de sua total e profunda responsabilidade. Veremos que este tipo de angústia - a que o existencialismo descreve - se explica também por uma responsabilidade direta para com os outros homens engajados na escolha. Não se trata de uma cortina entreposta entre nós e a ação, mas parte constitutiva da própria ação." (*O Existencialismo é um Humanismo.*)

Bibliografia básica

- CRANSTON, M.: Sartre, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1966.
BORNHEIM, G.: O Idiota e o Espírito Objetivo, Globo, Porto Alegre, 1980.
COHEN-SOLAL, A.: Sartre, 1905-1980, L&PM, Porto Alegre, 1986.
JEANSON, F.: Sartre par lui-même, Seuil, Paris, 1980
WAELEHENS, A.: Jean-Paul Sartre, In Erasmus, 1947.
ALBERÈS, R.: Sartre, Editions Universitaires, Paris, 1954.
MURDOCH, I.: Sartre: Romantic Rationalist, Yale University Press, 1953.
CAMPBELL, R. Jean-Paul Sartre ou Une Littérature Philosophique, Ardent, Paris, 1945.
THODY, P.: Sartre: a Literary and Political Study, Macmillan, Nova York, 1961
STERN, A.: Sartre: His Philosophy and Psychoanalysis, Liberal Arts Press, Nova York, 1953.